

ARTIGO ORIGINAL

**NATUROLOGIA E AGROECOLOGIA:
UM DIÁLOGO COMPLEXO**

***NATUROLOGY AND AGROECOLOGY:
A COMPLEX DIALOGUE***

RESUMO

Introdução: As relações conceituais entre a Naturologia e a Agroecologia apresentam interfaces comuns e complementares demonstrando novos paradigmas epistemológicos e potencialidades quando dialogadas e em busca de objetivos comuns tais como segurança e consciência alimentar, autonomia, visão ecológica e resgate de saberes tradicionais. **Objetivos:** Compreender a importância de ações integradas de forma participativa e dialógica de diferentes áreas e verificar se ações transdisciplinares potencializam o entendimento da educação em saúde de forma sistêmica e integral. **Metodologia:** De abordagem qualitativa utilizando-se da pesquisa-ação e mapa-falante e realizada na ONG Casa do Zezinho com crianças e jovens de 06 a 21 anos. **Resultados:** Foram obtidos por meio de ações participativas na construção de hortas-urbanas agroecológicas a fim de valorizar dimensões sociais, culturais, políticas e ambientais. Tais ações mostraram ser possível, por meio da transdisciplinaridade promover a educação em saúde. **Discussão:** Permitiu reconhecer a complexidade do processo de interação na integralidade da saúde convergida com ações das áreas estudadas. **Considerações:** O estudo indica e fortalece a perspectiva acerca da construção de um paradigma onde conhecimentos herdados da natureza não deverão ser apropriados por sistemas hegemônicos, mas partilhados solidariamente. Ressalta-se a necessidade de mais estudos nos contextos analisados para melhor validar os resultados, principalmente pensando o construto da complexidade da saúde que busca um olhar sistêmico e integral da realidade.

PALAVRAS-CHAVE

Naturologia.
Naturopatia.
Agroecologia.
Horta-urbana.
Complexidade e Saúde Integral.



Eunice Regina Maria da Silva Durão
- Graduação em Naturologia pela
Universidade Anhembi Morumbi

Adriana Elias Magno da Silva
- Doutora em Antropologia pela PUC/SP
(2012). Docente do Curso de
Naturologia, Universidade Anhembi
Morumbi (UAM).

Paula Cristina Ischkanian
- Naturóloga. Doutora em Ciências FSP/
USP; Docente do Curso de Naturologia,
Universidade Anhembi Morumbi
(UAM).

DOI: 10.19177/cntc.v6e10201751-63

CORRESPONDENTE:

Eunice Regina Maria da Silva Durão

Rua Rio da Bagagem 85 apt 24 Vila Nova
Savóia Cep 03531060 São Paulo –SP.

E-MAIL

eunice.durao@hotmail.com

Recebido: 26/06/2017

Aprovado: 04/07/2017

ABSTRACT

Introduction: The conceptual links between Naturology and Agroecology presents common and complementary interfaces that when dialogued between themselves demonstrate new paradigms and potentialities seeking common objectives on food consciousness and security, autonomy, ecologic vision and revival of traditional knowledge. **Objective:** Comprehend the importance of integrated actions in different participative and dialogic areas, also as to verify if transdisciplinary actions empower the understanding in health education in integrated and systemic perspectives. **Methodology:** Qualitative approaching that uses action-research and talking-map realized by the NGO “Casa do Zezinho” with kids between 6 and 21 years old. **Results:** Were obtained by means of participative actions that builded urban vegetable agroecologic gardens in order to comprehend social, cultural, political and ambiental dimensions. Actions that through transdisciplinarity demonstrates to be possible to promote health education. **Discussion:** Allowed recognition of the complexity of the intergence integrativity health process converged with actions in studied areas. **Considerations:** This study indicates and empowers the perspective regarding the construction of inherited nature knowledge paradigms that should be shared instead of hijacked by the hegemonic system. Emphasis in the need of studies at the context here analized to better evaluate the results, specially to build the health complexity which seeks a systemic and integrative perspective of reality.

Keywords: Naturology. Naturopathy. Agroecology. Urban gardens. Complexity and Integrative Health.

INTRODUÇÃO

Perante a atual crise instituída na saúde, a Naturologia entende que o processo saúde-doença deve ser tratado de forma sistêmica, observando a “intrínseca relação entre o todo e as partes” como nos lembra Nicolescu¹ (p. 07), e ter em vista a saúde no sentido integral, ou seja, para além do modelo biomédico, onde perpassam os determinantes sociais. Desde a 8ª Conferência Nacional em Saúde, a mesma passou a ser conceituada no Brasil, como decorrente das condições de vida e incluindo novas dimensões, especialmente a socioambiental, que ultrapassa a dimensão física, como determinantes das condições de saúde, assim como a psicossocial e a espiritual, evidenciando que a saúde é um conjunto de resultados vindos das várias condições de alimentação, emprego, lazer, liberdade, moradia e os serviços de saúde².

A Naturologia possibilita uma abordagem sistêmica e um olhar integral, a partir da relação de intergência que, observado por Silva, trata-se de: (p. 94) “[...]comunicar. Associar o que está em harmonia e o que não está. Criar condições para o diálogo entre as partes constituintes de um fenômeno para manter a dualidade no seio da unida-

de”, assim sendo, essas interações buscam redimensionar um modelo integrativo em saúde, por meio desta relação, além de despertar o autocohecimento e a co-responsabilização no processo de reequilíbrio. Provendo, assim, um caminho para a educação em saúde, pautado na pluralidade de saberes e práticas da Naturologia, que por definição posiciona-se como:

Conhecimento da área da saúde embasado na pluralidade de sistemas terapêuticos complexos vitalistas, que parte de uma visão multidimensional do processo de saúde-doença e utiliza da relação de intergência e de práticas integrativas e complementares no cuidado e atenção à saúde. Ela é produto de interações, relações e diálogos entre práticas e sistemas terapêuticos como as medicinas tradicionais e os conhecimentos biológicos e biomédicos da ciência moderna⁴ (p. 15-16).

Ischkanian² afirma com tal premissa que o insumo principal da Naturologia é a natureza. Portanto permite que a Naturologia dialogue com os conceitos da Agroecologia, pois, ambas precisam da luz da complexidade para se edificarem plenamente em seus processos operativos. Estes saberes compartilhados possibilitam em suas ações atender as dire-

trizes também da Promoção da Saúde, como observado por Azevedo e Pelicioni⁵ (p. 2) “a saúde é percebida como um amplo espectro de fatores – ambiental, físico, político, econômico e cultural relacionados com a qualidade de vida”.

Neste sentido, para alcançar o ideário da Promoção da Saúde seria também necessário articular os saberes técnicos ao conhecimento popular como pode ser observado a seguir:

Além de partir de uma ampla concepção do processo saúde-doença e de determinantes, o campo de Promoção de Saúde propõe a articulação de saberes técnicos e populares e a mobilização de recursos institucionais e comunitários públicos e privados, para seu enfrentamento e resolução⁵ (p. 2).

Estes saberes da Naturologia e da Agroecologia, possibilitam em suas ações atender as diretrizes da PNPS (Política Nacional de Promoção da Saúde) que indicam temas como a produção e cuidado da saúde que antevê favorecer a ação comunitária, a participação e o controle social, e que gerem o reconhecimento e o diálogo entre as variadas formas do saber (popular, tradicional e científico), edificando práticas pautadas na integralidade do cuidado e da saúde⁶.

Em estudos sobre a Agroecologia e Promoção da Saúde no Brasil, realizados por Azevedo e Pelicioni⁷ (p. 294), as autoras comunicam que “inserir a Agroecologia nos cursos de áreas da saúde pode se tornar uma ferramenta estratégica em oposição ao modelo biomédico intervencionista ainda prevalente”. Segundo essas autoras, conceituar esse diálogo complexo por meio de pesquisas em ações participativas e solidárias, é uma transição e uma abertura de novas possibilidades na busca de uma saúde mais integral.

O trabalho acima citado, apresentou como resultado pouco diálogo entre os campos de estudos, mesmo sendo a qualidade do alimento a principal interface entre estas áreas. Neste estudo, as autoras concluíram que estas áreas da Promoção da Saúde e da Agroecologia são contributivas e complementares entre si e a aproximação de ambas, pode vir a enriquecer a discussão sobre a saúde rural e a concepção das políticas públicas que se debruçam sobre essa temática, estimulando intervenções e práticas

intersetoriais. Refletindo este estudo acima citado, motiva e fortalecer pesquisas da ciência da Naturologia que sendo área promotora e educadora da saúde deve procurar interagir com a Agroecologia que demonstra em seus conceitos premissas semelhantes e complementares.

Portanto, entendemos que incluir o princípio transdisciplinar neste diálogo como um modelo de formação para a educação em saúde, apoia a Naturologia e a Agroecologia, do contrário, não seria possível reconhecer as interdependências de sustentação da vida, podemos definir o conceito de transdisciplinaridade como:

A transdisciplinaridade como o prefixo “trans” indica, diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina. Seu objetivo é a compreensão do mundo presente para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento¹ (p. 22).

O pensamento de Silva³ indica que a Naturologia, assim como a ecologia, trabalha por meio de novas perspectivas, afirmando que estes conhecimentos transdisciplinares e complexos, também suscitado por Morin⁸, abalizam para o caminho do diálogo entre culturas e se afastam de visões separadoras, incapaz de promover a comunicação efetiva entre a diversidade da vida e do mundo. E ressalta este construto dizendo:

A ambição da Naturologia é da mesma ordem da ambição da complexidade: construir um pensamento capaz de dialogar e negociar com o real de maneira mais abrangente e menos simplificadora e reducionista, religar ramos do conhecimento que historicamente estão separados, como as ciências naturais e as ciências humanas, a ciência e a tradição, fazer emergir no processo de pesquisa o sujeito como entidade ativa e não passiva; produzir um saber consciente e ético com clareza em relação à missão a qual se propõe³ (p. 65).

Colabora Portella⁹ (p. 59), com este pensamento ao citar que “na esfera científica, esta inovação de dialogar o conhecimento é chamada de transdisciplinaridade, um caráter acadêmico que postula a realidade como multidimensional”. Percebe-se que a Naturologia e Agroecologia são modelos de ciência passíveis de dialogarem de forma complexa por meio de uma visão sistêmica da qual a saúde é entendida como integral.

Ao delinear a Agroecologia, Caporal e colaboradores¹⁰ sugerem uma constante busca da ampliação do olhar integral à própria existência planetária. De acordo com Capra¹¹ ao citar a sustentabilidade, aponta a *visão ecológica* como a chave para uma vida sustentável, na qual as necessidades e anseios de uma sociedade possam garantir a sobrevivência de gerações futuras. Para tanto, deve-se considerar uma interdependência conjecturando uma interligação ampla e intrínseca rede de relações entre todos os membros de uma comunidade chamada teia da vida. Observado a seguir:

O comportamento de cada membro vivo do ecossistema depende do outro e o sucesso de uma comunidade está associado ao sucesso de cada um de seus membros. Interagir e religar, comunicar, associar o que está em harmonia e o que não está. Criar condições para o diálogo entre as partes constituintes de um fenômeno para manter a dualidade no seio da unidade¹¹ (p. 266).

Desta forma, Caporal e colaboradores¹⁰ ao conceituar a Agroecologia deixam claro que como nova ciência em construção dos modelos de desenvolvimento de produção e consumo, não deseja ser solução para todos os prejuízos causados pelas estruturas econômicas globalizadas, mas, utilizar estratégias de desenvolvimento rural mais sustentável e de transição para estilos de agriculturas “*mais*” sustentáveis, como uma contribuição para a vida das atuais e futuras gerações neste planeta de recursos limitados.

Entender a Agroecologia como um paradigma que trata de relações complexas e indissociáveis entre sociedade, indivíduo, natureza, economia, cultura e política, exige um pensamento complexo, uma abordagem sistêmica e um enfoque holístico, que reforça a construção deste novo modelo de ação, como esclarecem Caporal e colaboradores:

Agroecologia indica um caminho onde é possível reorientar ou redesenhar os ecossistemas ou agroecossistemas degradados, para além, a prática agroecológica possibilita a inclusão social, diminuição dos prejuízos ambientais, fortalecimento da segurança alimentar e nutricional com a oferta de alimentos mais saudáveis para a população¹⁰ (p. 9).

Segundo o pensamento acima, podemos entender que há a necessidade de tantas agriculturas quantos forem os diferentes agroecossistemas, devi-

do a diversidade dos biomas e sistemas culturais diversos das pessoas que a praticam e abaliza os conceitos de Agroecologia. Para demonstrar a sua dimensão, descreve-se a Agroecologia, como matriz disciplinar, identificando esse pensamento complexo, em que *complexus* significa o que é tecido junto, que se esforça para unir, não na confusão, mas operando diferenciações.

A Agroecologia, logo, não se enquadra no paradigma convencional, cartesiano e reducionista, no paradigma da simplificação (disjunção ou redução), pois, como ensina Morin, este não consegue reconhecer a existência do problema da complexidade. E é disto que se trata, reconhecer que na relação do homem com outros homens e destes com o meio ambiente, estamos tratando de algo que requer um novo enfoque paradigmático, capaz de unir os conhecimentos de diferentes disciplinas científicas, com os saberes tradicionais¹⁰ (p. 20).

Dentro da pesquisa que segue buscou-se, compreender a importância de ações integradas de forma participativa e dialógica de diferentes áreas e como essas ações transdisciplinares potencializam o entendimento da educação em saúde de forma sistêmica e integral.

Iniciou-se esta pesquisa durante o período de estágio do curso de Naturologia, Espaço de saúde *Se Cuida Zezinho*^{1, XVI}. Este espaço de saúde faz parte da ONG Casa do Zezinho, localizada na rua Anália Dolácio Albino, 77 - Parque Maria Helena, São Paulo – SP, CEP: 05854-020.

Durante o estágio, foram desenvolvidos para os participantes, *folders* educativos, dentre eles, o “Informativo do Suco Verde”^{II, XVIII}, foi observada a necessidade de esclarecimentos relacionados aos ingredientes necessários para a preparação e a aquisição destes. Abriu-se, portanto, a discussão sobre a possibilidade da elaboração de uma horta, que, por meio do consentimento livre esclarecido, foi aceito entre a Universidade Anhembi Morumbi e a ONG Casa do Zezinho, a proposta de realização da pesquisa.

Após a observação de campo, foi decidido junto a direção da ONG que a pesquisa seria mais efetiva se realizada com as crianças e jovens frequentadores da *Casa do Zezinho*, que engloba também o Espaço de Saúde *Se cuida Zezinho*, esta transferência de lo-

cal teve o foco na abrangência maior que teria a pesquisa. Vale esclarecer que este espaço de convivência tem como missão:

Criar condições por meio da educação, da arte e da cultura para crianças e jovens em situação de alta vulnerabilidade social e baixa renda, para que superem suas limitações - sociais e pessoais - e conquistem autonomia de pensamento e de ações para escolher e trilhar seus próprios caminhos^{III,XVI}.

Dentre os vários projetos oferecidos pela ONG estabeleceu-se uma parceria no *Caminho da Transformação*, projeto que tem por objetivo sensibilizar crianças para o cuidado com o meio, contribuindo para a formação de cidadãos ecologicamente responsáveis. As atividades realizadas neste espaço são diversificadas e oferecem suporte pedagógico ao trabalho desenvolvido pelos educadores da Casa do Zezinho, a metodologia e os conteúdos trabalhados são planejados em conjunto com a Pedagogia do Arco-íris^{IV}, onde as etapas que as crianças percorrem são simbolicamente divididas pelas cores do arco-íris e, nestas condições, decidiu-se plantar a semente deste trabalho.

Neste sentido, foi no projeto *Caminhos da Transformação*^V que a presente pesquisa encontrou apoio para a sua realização, tendo seu início no mês de abril a maio e, a segunda etapa, do mês de agosto a outubro, do ano de 2016.

Tendo como objetivo compreender a importância de ações integradas de forma participativa e dialógica de diferentes áreas e verificar se ações transdisciplinares potencializam o entendimento da educação em saúde de forma sistêmica e integral.

METODOLOGIA

Como caminho para o desenvolvimento desta proposta escolhemos o método da Pesquisa-Ação que, segundo Thiollent¹³ (p. 08) em seu livro *Metodologia da Pesquisa-ação*, define os conceitos de método e metodologia, em que, o primeiro é o “caminho prático para a investigação, por sua vez, a metodologia, é relacionada com a epistemologia, consiste na discussão dos métodos”. Nota-se que a pesquisa-ação pode ser reconhecida como um método, ou seja, “um caminho ou um conjunto de

procedimentos para interligar conhecimentos e ação, ou extrair da ação novos conhecimentos”. Aos pesquisadores compete formular conceitos, captar informações sobre situações; quanto aos participantes, remete a iniciativa de agir, aprender, transformar e melhorar.

Por meio do método da Pesquisa-Ação, entende-se como:

Pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma solução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo¹³ (p. 20).

Caracterizada, assim, a pesquisa-ação é a realização de atividades com abordagens focadas na relação de interações para a criação de um vínculo entre pesquisadores e os participantes representativos. Consiste em elucidar problemas sociais e técnicos, cientificamente relevantes. Trata-se de facilitar a busca de soluções aos problemas reais para os quais os procedimentos convencionais têm pouco contribuído.

Toda a pesquisa-ação é do tipo participativo: a participação das pessoas implicadas nos problemas investigados é absolutamente necessária. Quanto aos pesquisadores que se apropriam desta ferramenta, encontra um contexto favorável quando não querem limitar suas investigações aos aspectos acadêmicos e burocráticos, como na maioria das pesquisas convencionais.

Outra condição necessária consiste na elucidação dos objetivos e, em particular, da relação existente entre os objetivos de pesquisa e os objetivos de ação, exemplificados nas descrições dos instrumentos metodológicos, no desenvolvimento desta pesquisa.

Instrumentos metodológicos

O diálogo entre a Naturologia e a Agroecologia ocorreu a partir da opção metodológica desta pesquisa que entrelaçou “objetivos de ação”, na utilização da construção do mapa-falante^{VI}, que é um instrumento utilizado para melhor observação do espaço, bem como para o levantamento e discussão da problemática e suas possíveis soluções, e “objetivos de

conhecimento” e que remete, segundo Thiollent¹³ (p. 07), aos “quadros de referências teóricas, com base nos quais são estruturados os conceitos, as linhas de interpretação e as informações colhidas durante a investigação”.

Para a coleta de dados, foi utilizado a elaboração de um mapa-falante como instrumento aplicado a pesquisa, para a elucidação dos problemas discutidos e equacionados com a participação dos pesquisadores e interagentes da situação investigada, também, utilizou-se da construção de painéis contendo informações de educação para a saúde e meio ambiente efetuados por todos os membros acima citados.

Para a formação de grupos com os interagentes, dividiu-se em salas de aulas de suas respectivas faixas etárias e seus educadores. Inicialmente formaram-se rodas de conversas desses grupos de interagentes para a apresentação do projeto a ser realizado conjuntamente.

Os encontros acontecerem semanalmente. Optou-se por uma vez por semana, com três grupos definidos como: Turma Violetas, crianças de 06 a 08 anos, subdivididas em 4 salas; Turma Solar/Amarelo, crianças de 12 a 14 anos; Turma Século XXI/Vermelho, crianças de 16 a 20 anos. Nos encontros iniciais foram levantadas questões associando o alimento e o meio ambiente. Por meio de perguntas em torno das preferências alimentares e o significado da natureza para cada um, integrando a relação dos participantes com o Projeto da ONG, *Caminho da Transformação*.

Para a descrição da pesquisa que segue, foram divididos em dois tópicos que apresentarão as ações desenvolvidas ao longo da pesquisa, seguida da apresentação dos resultados obtidos.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em pesquisa da Universidade Anhembi Morumbi-UAM, sob o número 56123316.4.00005492 da Plataforma Brasil.

ESTABELECIDO O VÍNCULO

No desenvolvimento da primeira etapa da pesquisa, como fase exploratória houve a possibilidade de

discussão sobre as qualidades dos alimentos e suas consequências à saúde, a relação cultural desses alimentos, meio ambiente e solo, e sua importância para uma vida sustentável.

O nível de complexidade foi estabelecido conforme a faixa etária de cada grupo e conforme as indagações dos próprios participantes. As Turmas Violetas tiveram como atividades de aproximação e interação rodas de conversa, o diálogo percorreu por meio de práticas de meditação, desenhos, cantigas de roda, brincadeiras sugeridas pelas crianças que iniciaram suas indagações sobre a Natureza, Hortas, Alimentação. A Turma Solar por intermédio de atividades como roda de conversas, escritas de opiniões sobre a Natureza e o projeto da ONG - *Caminho da Transformação*. Para a Turma Século XXI, foram levantadas questões como origem da Agricultura, êxodo rural e urbano, formação das periferias e seu contexto social e econômico¹⁴.

No desenvolvimento da segunda etapa da pesquisa-ação, foi realizada a “Oficina do Solo” (Figura 1) que teve como referência o texto das Leis da Adubação e Sociologia Vegetal^{VII} da obra de Almeida¹⁴, em que, abriu-se a discussão da importância da vivificação do solo e porque a não adubação e a consorciação e rotação de culturas.

Esta etapa seguiu os mesmos critérios da etapa anterior, para cada faixa etária foi desenvolvido um nível de complexidade na abordagem do tema proposto respeitando os limites cognitivos de cada grupo e incentivando a produção de conhecimento dentro da pesquisa-ação e tomada de decisões no processo de desenvolvimento, esclarecendo dúvidas e curiosidades acerca dos temas propostos. Outro material utilizado, desta vez com todas as turmas, em diferentes momentos, mas no mesmo local. Interagentes e pesquisadores, por meio de recipientes plásticos e solos de diversas qualidades, realizaram a simulação de diferentes formas de cultivos em que foram abordados temas como: erosão do solo, monoculturas, biodiversidade^{VIII}, sistemas agroflorestais^{IX} (SAFs), sociologia vegetal e adubação verde^X.

Figura 1: Oficina do solo.

Fonte: Eunice Durão, 2016.

“O solo é um ser vivo” afirmou Artur Primavesi¹⁵. O solo foi abordado de forma a despertar interesse ativo nos interagentes, com o intuito de obter uma reflexão sobre o compromisso e responsabilidade com a natureza e gerações futuras. Explica o autor acima citado, que os grandes problemas da agricultura têm fundamento no cuidado errado com o solo, porém, “por se tratar de um organismo vivo, este solo é capaz de ressuscitar se houver modificações na maneira de tratá-lo suprindo suas necessidades, protegendo-o e diversificando sua vida”¹⁴ (p. 37).

Por meio desta oficina, buscou-se construir o conhecimento acerca da preservação de recursos naturais além de promover uma reflexão sobre a sustentabilidade desses recursos, uma oportunidade também de propiciar aos interagentes da pesquisa um primeiro contato com o solo, em uma simulação, antes de ir à campo efetivamente construir a horta urbana, buscando a transição agroecológica proposta pelos pesquisadores. Lembrando que “a Biodiversidade do solo (alimentada e promovida pela matéria orgânica) é o fator mais importante para a fertilidade e produtividade do solo tropical”, afirma Almeida¹⁴ (p. 38). Neste sentido, o autor evidencia as afirmações de Primavesi¹⁶ quando a mesma comenta em sua obra *Manejo Ecológico do Solo*, que o solo tropical precisa ser vivificado, um dos princípios da Agroecologia, que nesta etapa da pesquisa foi possível ser abordado como tema.

Estas afirmações, também corroboram com os estudos de Altieri¹⁷ ao citar que a perda da biodiversidade, em consequência de práticas do agronegócio, produz custos econômicos e ecológicos. Nestes

danos ecológicos, evidencia-se a necessidade de fornecer às culturas onerosos insumos (adubos e agrotóxicos), assim, por meio desta contaminação, gerado neste modelo agrícola, o mesmo, perde a capacidade de sustentar a fertilidade dos solos e controle de pragas, ocasionando a redução da qualidade do solo, da água e dos alimentos produzidos.

Para Primavesi¹⁸, o homem somente terá saúde se os alimentos possuírem energia vital e, por sua vez, estes só possuirão energia vital se as plantas forem saudáveis e estas, por conseguinte, só serão saudáveis se o solo for saudável.

Após participar da oficina e compartilhar estes conceitos, os interagentes da Turma Solar solicitaram uma integração maior na atuação junto à pesquisa, demonstrando interesse na temática agroecológica, se auto denominando Ecos Zezinhos.

Norteados por um diálogo aberto, participativo, onde todos tiveram voz e vez, foram elucidados os aspectos da situação em que se encontrava o *Projeto Caminho da Transformação*, bem como, o planejamento, o desenvolvimento e a execução das ações conforme as necessidades surgidas no processo de desenvolvimento da pesquisa-ação, num “papel ativo de todos os participantes para o equacionamento dos problemas encontrados e no acompanhamento e na avaliação das ações desencadeadas em função de um problema”, como esclarece Thiollent¹³ (p.14).

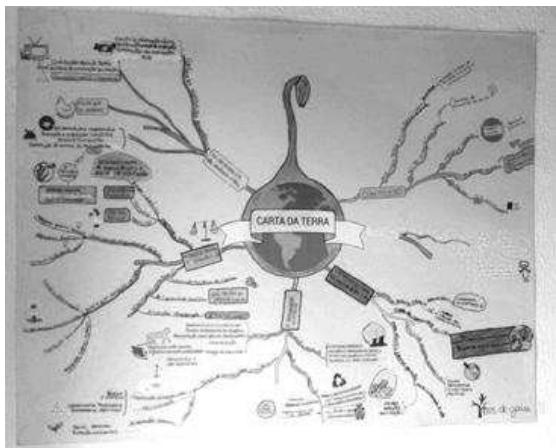
Estabeleceu-se, assim, a ordem de prioridades dos problemas pesquisados e das soluções encaminhadas sob forma de ações concretas, estas que objetivaram inicialmente como estabelecimento de um vínculo em cada grupo de interagentes.

Portanto, o objeto de investigação foi determinado pela situação social observada em função das problemáticas de diferentes naturezas ali encontradas, assim sendo, a escuta das necessidades, anseios e dúvidas dos interagentes envolvidos foi norteador para as construções das ações da pesquisa.

Partimos para o desenvolvimento da terceira etapa da pesquisa, em que foi utilizado como tema a *Carta da Terra*, para a Turma Século XXI. Primeiramente, como recurso utilizamos das ferramentas áudio/visual, um vídeo^{XI} da apresentação da Carta

da Terra^{XII}, com a interpretação de Leonardo Boff e, a exemplificação deste relatório, por meio de imagens na internet de um mapa mental da Carta da Terra utilizado inicialmente como modelo, retirado do site Fios de Gaia^{XIII}.

Figura 2: Mapa mental da Carta da Terra.



Fonte: Eunice Durão, 2016.

Por meio desses instrumentos educacionais estabelecemos um compromisso, que despertaram maior interesse pela pesquisa e sugerimos desenhar um mapa mental da Carta da Terra (Figura 2) para ser inserido na Eco Cabana^{XIV}.

Houve, como consequência dessa etapa, uma reflexão do grupo sobre a utilização do instrumento do mapa mental da Carta da Terra para discorrer os assuntos complexos e sistêmicos da Naturologia e Agroecologia e, por ter sido este, um instrumento desencadeador do despertar a atenção e a vontade dos interagentes em se engajarem nas problemáticas que ali estavam sendo discutidas e detectadas, tornou-se importante aspecto do que foi proposto neste trabalho, pois, consagramos descobertas. Podemos citar aqui Freire¹⁹ (p. 47) quando nos traz a reflexão de que, “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou sua construção”.

A tessitura dessa complexa relação parece óbvia quando atentamos para diretrizes de ordem mundial que tão claramente expõe a situação planetária e a urgência de novos modelos de ações. Para isso, a Carta da Terra afirma que somos uma família humana e uma comunidade terrestre com um destino

comum e encoraja todos os povos a reconhecer uma responsabilidade compartilhada^{XVII}. Cada um de acordo com sua situação e capacidade, pelo bem-estar de toda a família humana, da comunidade maior da vida e das futuras gerações. Reconhecer a inter-relação dos problemas ambientais, econômicos, sociais e culturais da humanidade apresentando um arcabouço ético, inclusivo e integrado.

A segunda fase e quarta etapa do desenvolvimento da pesquisa e coleta de dados, foi iniciada na Eco Cabana, após o recesso de férias e com novas turmas acrescentadas, sendo: Turmas Mares/Azul, com crianças de 09 a 11 anos; Turmas Matas/Verde, com crianças de 11 a 12 anos; Turma Oriente, com crianças de 14 a 15 anos.

Respeitando a proposta da pesquisa-ação que propõe a construção de ações e conhecimentos a partir das necessidades e problemáticas que surgem no decorrer das atividades, as divisões das turmas para participação da pesquisa, foram sendo efetuadas, conforme a disponibilidade, mediante o cronograma de programação das atividades da ONG, havendo uma grande rotatividade de turmas, o que contemplou um número maior de participantes, aumentando o alcance do conhecimento produzido no seu desenvolvimento.

Ação e pesquisa

Iniciamos a quarta etapa da pesquisa e coleta de dados, no espaço da eco-cabana, com a construção do mapa-falante, instrumento aplicado em ações com os interagentes da pesquisa e pesquisadores e, simultaneamente, a construção da horta urbana buscando uma transição agroecológica, que foram organizadas em quatro etapas, em que foram cultivados 8, dos 13 canteiros disponíveis para a pesquisa. As etapas foram divididas em:

1. Limpeza dos inorgânicos descartados de forma incorreta no solo dos canteiros, que se deu de forma manual;
2. Aeração do solo, feito com pás e peneiras;
3. Agregação de composto orgânico e húmus no solo;
4. Plantio de verduras, legumes e plantas medicinais.

Procuramos durante todo o processo de desenvolvimento da horta urbana buscando uma transição agroecológica, fomentar a aplicabilidade da mesma, apoiado no pensamento de Altieri e Rosset²⁰, em que diz que as alimentações necessárias podem ser produzidas por pequenos agricultores em diversas localidades usando técnicas da agroecologia.

Figura 3: Canteiros da parte posterior da Casa do Zezinho.



Fonte: Eunice Durão, 2016.

Figura 4: Canteiros da parte lateral da Casa do Zezinho.



Fonte: Eunice Durão, 2016.

Para a construção do mapa-falante (Figuras 5, 6, 7 e 8) foram utilizados os seguintes materiais: placa de MDF, cola branca, cola quente, massa porcelana fria, tinta à base de água, palitos de sorvete, folhas sulfite e pote plástico e para a elaboração do formato

do mapa-falante, decidimos construir uma *maquete*, para melhor organizar a coleta de dados, contendo:

1. A localização dos canteiros nos espaços da casa;
2. O jardim “Caminho da Transformação”;
3. A Eco Cabana;
4. Os vasos de plantas ao entorno da casa;
5. As divisões do espaço térreo da casa.
6. As imagens que seguem são uma sequência da construção do mapa falante.

Figura 5: Mapa 1 – Pesquisa de campo: observação dos espaços.



Fonte: Eunice Durão, 2016.

Na Figura 5 apresentamos a demarcação dos canteiros existentes na casa e observação de suas condições. Em assuntos pertinentes à Agroecologia, abordou-se temas como: vivificação do solo, consorciação de culturas, sistemas agroflorestais, hortas urbanas agroecológicas, sociologia vegetal, adubação verde, agrotóxicos, modelo hegemônico, transgênicos, agricultura familiar, economia solidária, entre outros. Bem como assuntos relacionados aos interesses dos interagentes, que em relatos no período da elaboração do mapa-falante, discorriam sobre preferências de alimentos, cultivos praticados pelos familiares, escolhas das culturas que gostariam de praticar nestes espaços que estavam sendo exemplificados no mapa.

Em diálogo com a Naturologia esses temas eram elencados aos cuidados com a saúde em detrimento à segurança alimentar e nutricional, seus benefícios quando praticados por meio da Agroecologia e seus impactos negativos, decorrentes do uso de produtos químicos acrescentados nas culturas em geral. Bem como o consumo excessivo de alimentos industrializados associados as principais doenças não trans-

missíveis prevalentes na atualidade como a diabetes, hipertensão arterial, obesidade entre outros.

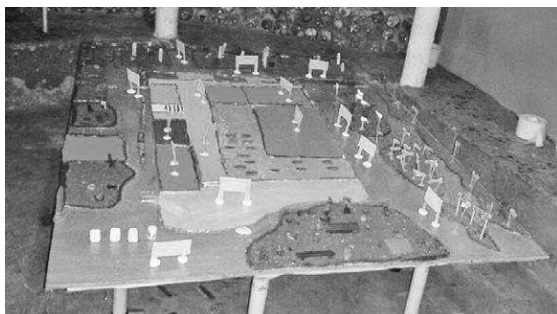
Figura 6: Mapa 2 - Identificação os primeiros canteiros trabalhados.



Fonte: Eunice Durão, 2016.

Na Figura 6 exemplificamos a execução da horta no canteiro posterior da casa. Durante a construção, os assuntos foram sendo discorridos conforme tema proposto para o dia e o vínculo com os interagentes se dava nestes momentos de criatividade e interação, em que eram abordados assuntos sobre a educação ambiental e saúde, tais como: qualidade de vida, desnutrição, alergias, asma, baixa qualidade do sono, insônia, alimentos superprocessados, suco verde, alimentação variada e colorida, alimentos *in natura*, higiene com os alimentos, reciclagem, reuso da água, aproveitamento dos restos orgânicos da cozinha da ONG que poderia entrar como ações planejadas para a sustentabilidade da horta urbana buscando um transição agroecológica.

Figura 7: Mapa 3 – Classificação das culturas e planejamento.



Fonte: Eunice Durão, 2016.

Na Figura 7 representamos por meio de placas, os insumos que foram cultivados e suas respectivas localizações na maquete. Ocorreu simultaneamente es-

tes registros de dados, em todos os canteiros das hortas, por meio de placas, contendo o nome popular e científico de cada insumo. Também foram coletados os dados a cerca da quantidade de vasos sem cultivos ao entorno da casa, para serem discutidos quanto a sua utilidade no desenvolvimento da pesquisa.

Figura 8: Mapa 4 – Conclusão do Mapa Falante.



Fonte: Eunice Durão, 2016.

Na Figura 8 deu-se a análise dos dados coletados e o planejamos de ações a curto, a médio e longo prazo, estabelecendo metas e prioridades. Por meio de placas coladas no mapa organizamos o planejamento estratégico das ações, com datas para execução que variaram de dois meses a dois anos.

Foi decidido pelos interagentes que haveria uma liderança, realizada pelos “ecos zezinhos” mais velhos que, por meio de reuniões participativas, seriam criadas as estratégias e desenvolvidas as ações planejadas no mapa-falante, sendo elas;

1. Identificação escrita nas lixeiras recicláveis, contendo informações sobre o que se pode descartar em cada uma delas, evitando assim possíveis enganos;
2. Criação de uma escala de trabalho semanal para o manejo e cuidado da horta, bem como, a limpeza da ecocabana;
3. Criação de um minhocário e uma composteira para que a horta se torne mais sustentável;
4. Cultivos em vasos ociosos espalhados no entorno da Casa do Zezinho para a ampliação da horta urbana;
5. Formação de um pomar nos 6 canteiros que não puderam ser cedidos para a pesquisa-ação e que estão com os solos expostos sem cultivos, ocasionando o empobrecimento do solo;

6. Oficina de mudas para que os interagentes possam levar para a casa as culturas produzidas na ONG e estender o conhecimento adquirido na comunidade.

Ao final de todo o processo, conquistou-se 70 “ecos zezinhos” e, dentre eles, 6 líderes, que se propuseram a organizar a continuidade das ações mensuradas no decorrer destes dois anos de planejamento. Caso houvesse o desligamento de alguns deles da Casa do Zezinhos, estariam comprometidos em formar novas lideranças para assegurar a sedimentação das propostas.

Houve, durante todo o processo de elaboração do mapa-falante e dos painéis educativos, ações e construções de conhecimento religando saberes tradicionais com as ciências modernas, num diálogo complexo, demonstrando que as ações sistêmicas são potencialmente promotoras da saúde.

Ficou assim estabelecido dentro da pesquisa, um processo em que os “interagentes tiveram a oportunidade junto aos pesquisadores de construir um conhecimento por meio de ações pensadas e planejadas de forma cooperativa visando a situação social”, como cita Thiollent¹³ (p. 22), para o desenvolvimento da pesquisa-ação, possibilitando, assim, aos pesquisadores desempenhar um papel ativo na própria realidade dos fatos observados.

Lembrando aqui as palavras de Freire²¹ (p. 24), “o diálogo e a possibilidade da expressão são exigências existenciais e existir é pronunciar o mundo” ressaltando, assim, a importância do diálogo sempre e, ainda discorrendo o autor, aponta que “a escuta”, é a possibilitadora do diálogo e conclui: “somente quem escuta paciente e criticamente o outro, *fala com ele*, mesmo que, em certas condições, precise falar a ele”. Esta escuta procurou permanentemente estar presente no processo de desenvolvimento da pesquisa, pois, foram entendidas as necessidades dos interagentes de forma a nortear a construção da mesma, por meio da situação social observada, que revelaram os pontos de reestruturação da pesquisa e as prioridades a serem contempladas.

Levando em conta todo o contexto discutido, fica evidente a importância que a atuação da Naturolo-

gia tem na educação para a saúde junto as interfaces de conhecimento da Agroecologia, num diálogo aberto, junto a ações participativas, principalmente, no que tange a soberania e segurança alimentar e nutricional e, também, a educação ambiental, favorece um trabalho transdisciplinar que, profissões promotoras da saúde, precisam considerar frente a crise planetária em múltiplos aspectos.

Portanto, podemos aqui citar a importância da criação de hortas urbanas buscando uma transição agroecológica, pois, qualquer mudança nos modos de vida, exercem grande influência positivo ou negativo no meio ambiente, consequentemente na saúde, torna-se essencial ações que assegurem benefícios positivos para a população, pois “a proteção do meio ambiente e a conservação dos recursos naturais devem fazer parte de qualquer estratégia de promoção de saúde”^{2,5}.

As condições aviltadas por essas atividades, são reforçadas por Ribeiro e colaboradores²² ao considerar que a Agricultura urbana só poderá ser validada como promotora da saúde se praticada à luz da Agroecologia que traz a proposta de uma integração com os recursos naturais, minimiza as agressões ao meio ambiente e considera todos os seres presentes na natureza e suas intrínsecas relações, como aliados, para melhoria da qualidade de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentro do desenvolvimento da pesquisa foram levantadas e discutidas questões como autonomia, soberania alimentar, sistemas agroalimentares mais sustentáveis com enfoque à promoção da saúde e educação no meio ambiente, na tentativa de comunicar conhecimentos em relação aos padrões produtivos dominantes na oportunidade de questioná-los.

Encontrou-se algumas dificuldades em concluir etapas de ações construídas e programadas para serem realizadas no período dos dois trimestres da pesquisa, decorrente dos conflitos entre os interagentes, frequentemente geradas em consequência da situação social vivenciadas diariamente na co-

munidade em que os mesmos localizam-se. Portanto, para um melhor equacionamento e harmonização das situações que ocorreram no percurso dos trabalhos, houve a necessidade de redução nos temas e nas ações de campo propostos, principalmente no que diz respeito à ciência da Agroecologia, que necessita em sua transição, de diversos recursos para se realizar. Foi observada assim, a necessidade de promover maior condição de diálogo entre educadores da Casa do Zezinho, interagentes da pesquisa e pesquisadores, no intuito de estreitar e aprofundar os objetivos de ações e de conhecimentos que a presente pesquisa solicita.

Compreende-se, portanto, o valor da *relação de interagência* em ações participativas e transdisciplinares, nos estudos entre ciências da Naturologia e da Agroecologia e suas complexidades, que dialogadas corroboram na construção da educação para a saúde. A realização desta pesquisa permitiu reconhecer a importância dessas relações em múltiplos níveis, percebendo que é possível, mediante novos modelos operacionais, promover saúde em alinhamento com

CONFLITOS DE INTERESSE

Declararam não haver.

FONTES DE FINANCIAMENTO

Eunice Regina Maria da Silva Durão declarou ter financiado todos os custos da pesquisa.

NOTAS

- I. Espaço de saúde da ONG Casa do Zezinho traz o conceito de saúde integral para a região do Capão Redondo, na cidade de São Paulo trabalhando com prevenção primária e secundária para as crianças, adolescentes, jovens e adultos, com o objetivo de prática de Medicina Integral/Integrativa que pode incluir Atendimento Médico, Alopátia, Homeopatia, Acupuntura, Yoga e Psicologia e realiza 1.550 atendimentos por mês. Acesse: <http://www.casadozezinho.org.br/comunidade-detalle.php?D=8>.
- II. Trata-se de uma das orientações usadas pelos naturólogos como forma de promoção de saúde, que segundo Peribanez¹² (p. 208) os “leites da terra”, nome original do suco verde, é o “eixo central da culinária viva com características sinérgicas, probióticas, nutracêuticas, fitoterápicas e nutricionais”.
- III. Acesse: <http://www.casadozezinho.org.br/quem-somos-diretrizes.php>.
- IV. A Pedagogia do Arco-íris tem como ponto central o desenvolvimento da autonomia de pensamento e de ação a partir de 4 pilares da educação: Ser - (Espiritualidade); Conhecer - (Ciências); Saber - (Filosofia); Fazer - (Arte), para maiores descrições, acesse: <http://www.casadozezinho.org.br/pedagogia-arco-iris.php>.
- V. Casa do Zezinho: Projetos transformadores, caminho da transformação. Acesse: www.casadozezinho.org.br.
- VI. O Mapa Falante é uma técnica de mapeamento que visa captar as informações a partir da própria narrativa dos participantes.
- VII. Sociologia Vegetal é o estudo das relações e interações entre as plantas. Plantas companheiras são aquelas que se beneficiam mutuamente, se plantadas consorciadas ou em rotação. Por consequência plantas antagônicas são aquelas que se prejudicam mutuamente, se plantadas consorciadas ou em rotação. As excreções radiculares constituem a principal causa de companheirismo ou antagonismo.
- VIII. Biodiversidade: significa a variabilidade de organismos vivos de todas as origens de ecossistemas terrestres, marinhos e outros aquáticos e os complexos ecológicos de que fazem parte. Compreende, ainda, a diversidade dentro de espécies, entre espécies e de ecossistemas.

práticas que buscam uma transição agroecológica, junto a atuação do naturólogo no meio urbano.

Vale ressaltar a importância em dimensionar, por intermédio de autores reconhecidos destas ciências em construção, a complexidade que atingem e a importância que representam para a promoção da saúde, na qual, ciências como a Naturologia se ocupa e, por meio do diálogo com essa matriz disciplinar, como é definida a Agroecologia, desvela um novo modelo para a sustentabilidade, na perspectiva do pensamento complexo.

Por fim, a produção deste trabalho indica e fortalece a perspectiva acerca da construção de um novo paradigma, onde conhecimentos que herdamos diretamente da natureza não deverão ser apropriados por sistemas de poder hegemônico e, sim, partilhados solidariamente entre todos. É importante ressaltar a necessidade de mais estudos nos contextos analisados na presente pesquisa para melhor validar os resultados, principalmente, pensando o construto da complexidade, que pede um olhar sistêmico e integral da realidade.

- IX. Agrofloresta ou Sistema Agroflorestal (SAF) é uma forma de uso da terra que combina a produção de culturas agrícolas e ou animais, com espécies florestais, simultaneamente ou em sequência na mesma área. Busca conciliar o aumento de produtividade e rentabilidade econômica com a proteção ambiental e a melhoria da qualidade de vida das populações rurais. Cada cultura ou espécie é plantada de acordo com seus requerimentos ecológicos, possibilitando desta forma, seu desenvolvimento normal, atendendo a necessidade de nutrientes, água, luz e espaço (altura, diâmetro e tipo de copa), sendo todas essas características cuidadosamente combinadas.
- X. Adubação verde é a prática de se incorporar ao solo, massa vegetal não decomposta, de plantas cultivadas no local ou importadas, com a finalidade de preservar ou restaurar a produtividade das terras agricultadas.
- XI. “A Carta da Terra: Leitura do Teólogo Leonardo Boff”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=oYq7KQZvs94>>. Acesso em: 28 abr. 2016.
- XII. A Carta da Terra em Ação: O texto da Carta da Terra. Acesso: www.cartadaterra.org.br.
- XIII. Mapa Mental Carta da Terra. Disponível em: <<http://www.cartadaterra.org.br/prt/index.html>>. Acesso em: 20 abr 2016.
- XIV. Espaço de convivência e atividades do projeto Caminho da Transformação.
- XV. Casa do Zezinho: Espaço de Saúde. Disponível em: <<http://www.casadozezinho.org.br/comunidade-detalle.php?D=8>>. Acesso em: 10 jan 2016.
- XVI. Casa do Zezinho: Associação Educacional e Assistencial. Disponível em: <<http://www.casadozezinho.org.br/quem-somos-diretrizes.php>>. Acesso em: 10 jan 2016.
- XVII. Nações Unidas do Brasil: A ONU e o meio ambiente. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/acao/meio-ambiente/>>. Acesso em: 05 nov 2016.
- XVIII. “Suco verde com Dr. Alberto Gonzalez”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2cuAmRElCvA&feature=bf_prev&list=PL6D554DB82CF7D779>. Acesso em: 14 out 2016.

REFERÊNCIAS

- Nicolescu B. O manifesto da Transdisciplinaridade. São Paulo: Triom; 1999.
- Ischkanian PC. Práticas integrativas e complementares para a promoção da saúde [dissertação de mestrado]. São Paulo: Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo; 2011.
- Silva AEM. Naturologia: Diálogo entre Saberes. Curitiba: Editora Prismas; 2013.
- Sabbag SHE, Nogueira BMR, De Callis ALL, Leite-Mor ACMB, Portella CFS, Antônio, RL et al. A naturologia no Brasil: Avanços e desafios. Cad. Naturol. Terap. Complem. 2013, maio; 11-23. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/CNTC/article/view/1850/1321>>. Acesso em: 9 abr 2016.
- Azevedo E, Pelicioni, MCF. Promoção da saúde, sustentabilidade e agroecologia: uma discussão intersetorial. Saúde soc. 2011, set; 20(3): 715-729. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902011000300016&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 21 nov 2015.
- Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde e Secretária de Atenção à Saúde. Política Nacional de Promoção da Saúde: PNPS. Brasília: Ministério da Saúde; 2015. Disponível em: <http://promocao.dsaude.saude.gov.br/promocao.dsaude/arquivos/pnps-2015_final.pdf>. Acesso em: 10 out 2016.
- Azevedo E, Pelicioni MCF. Agroecologia e a promoção da saúde no Brasil. Rev. Panam Salud Publica. 2012; 31(4): 290-5. Disponível em: <<http://www.scielosp.org/pdf/rpsp/v31n4/a04v31n4>>. Acesso em: 20 jun 2016.
- Morin, E. Por uma reforma do pensamento. In: Pena-Veja A, Nascimento EP (Org.). O pensar complexo: Edgar Morin e a crise da modernidade. Rio de Janeiro: Garamond; 1999.
- Portella CFS. Naturologia, Transdisciplinaridade e Transracionalidade. Cad. Naturol. Terap. Complem. 2013, 2(3). Disponível em: <<http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/CNTC/article/view/1258/1806>>. Acesso em: 08 nov 2016.
- Caporal FR, Paulus G, Costabeber JA. Agroecologia: uma ciência do campo da complexidade. Brasília: 2009. Disponível em: <http://www.emater.tche.br/site/arquivos_pdf/teses/Agroecologiaumacienciaodocampodacomplexidade.pdf>. Acesso em: 10 maio 2016.
- Capra F. O ponto de mutação. São Paulo: Cultrix; 1982. 447 p.
- Peribanez AG. Lugar de médico é na cozinha: cura e saúde pela alimentação viva. 28 ed. São Paulo: Alaúde Editorial; 2008. 296 p.
- Thiollent M. Metodologia da Pesquisa-Ação. 18 ed. São Paulo: Cortez; 2011. 135 p.
- Almeida, SRM. Estudando Agroecologia com Música e Poesia. Valença: IF Baiano; 2015. 112 p.
- Primavesi A. Biologia do solo. Conferência. Rio de Janeiro, 1970. 18 p.
- Primavesi A. Manejo ecológico do solo: A agricultura em regiões tropicais. 1 ed. São Paulo: NBL; 1979. 549 p.
- Altieri M. Agroecologia: A Dinâmica produtiva da Agricultura Sustentável. 5ª ed. Porto Alegre: Editora UFRGS; 2008. 120 p.
- Primavesi A. Cartilha do Solo: como reconhecer e sanar seus problemas. 1 ed. São Paulo: Editora Fundação Mokiti Okada; 2006. 76 p.
- Freire P. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. 51 ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra; 2015. 143 p.
- Altieri M, Rosset P. Dez Razões pelas quais a biotecnologia não vai garantir a segurança alimentar, proteger o ambiente e reduzir a pobreza no mundo em desenvolvimento. Brasília: 1999. Disponível em: <<https://mospace.umsystem.edu/xmlui/bitstream/handle/10355/1192/Strengthening%20the%20case.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 14 set 2016.
- Freire P. Pedagogia do Oprimido. 23 ed. São Paulo: Editora Paz e Terra; 1996. 253 p.
- Ribeiro SM, Azevedo E, Pelicioni MCF, Bógus CM, Pereira IMTB. Agricultura Urbana Agroecológica - Estratégia de Promoção da Saúde e Segurança Alimentar Nutricional. Rev Bras Promoç Saúde, 2011. Disponível em: <<http://ojs.unifor.br/index.php/RBPS/article/view/2269/2496>>. Acesso em: 10 out 2016.